Capítulo V

O segredo das palavras

Sônia Queiroz

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

QUEIROZ, S. O segredo das palavras. In: *Pé preto no barro branco: a língua dos negros da Tabatinga* [online]. 2nd ed. rev. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018, pp. 74-97. ISBN: 978-85-423-0305-6.
<https://doi.org/10.7476/9788542303056.0008>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

O SEGREDO DAS PALAVRAS

Camberela pode sê de porco o de vaca, qualqué uma. Seno camberela, seno carne... O arroz, vô dizê pa sinhora o arroz, pedi a sinhora assim um prato de arroz. Aí eu falo com a sinhora: o cureia. Sinhora me dá o cureia, que nós qué amoçá camberela e missango, qué dizê que é o arroz e carne.

Jesus Pinto

Interpelado sobre a origem de seu conhecimento da Língua do Negro da Costa, o falante Jesus Pinto respondeu tê-la aprendido, juntamente com a irmã Angélica, n'*O Livro de Violeta*. Como se sabe, trata-se de um manual de leitura para o segundo ano primário, largamente utilizado em Minas há algumas décadas, o que se pode deduzir do seu elevado número de edições.¹ Não sendo, é claro, uma gramática da Língua do Negro da Costa, *O Livro de Violeta* apresenta, no entanto, particularidades que de certo modo explicam a relação estabelecida por Jesus Pinto: as histórias são narradas por uma mãe preta, “uma velha empregada da casa, (...) que criou Violeta” (Figura 21), e numa delas — “O Beija-Flor” — aparece uma cantiga com palavras de base africana já modificadas, que reproduzimos a seguir.

Ingerê

Como gambê

Como na chácara

Não há:

Ingerê

Ingerê

Crá, Crá.²

---

¹ Consultamos a 38ª edição, de 1959 (LÚCIO, FROTA. *O livro de Violeta*.) A primeira edição (ainda sem a colaboração de Zilah Frota) é de 1937.

² LÚCIO, FROTA. *O livro de Violeta*, p.54-55.

FIGURA 21 - O *livro de Violeta*: a Mãe Preta conta “casos engraçados” aos meninos do Brasil.

Uma dessas palavras, *gambê*, que, numa leitura sincrônica da cantiga, aparece como recurso mnemônico utilizado para facilitar a memorização de *ingerê*, pode muito facilmente ser relacionada à sua correspondente na Língua do Negro da Costa, *gombê* ‘boi’, ‘vaca’, já que entre as duas formas a diferença está apenas na vogal da sílaba átona, e essa diferença desaparece no diminutivo *gambezim* ‘bezerro’, registrado em Bom Despacho. O significado não é fornecido explicitamente pela cantiga, mas supomos que coincida com o da forma encontrada na Língua do Negro da Costa — suposição que se funda em diversos outros registros do vocábulo.³

Dessa forma, não nos parece imotivada a relação estabelecida por Jesus entre a Língua do Negro da Costa e *O Livro de Violeta*, embora, evidentemente, não se possa aceitar a sua afirmação de que aprendeu a língua através desse manual. Acrescentaríamos aqui a importância da atitude de Jesus enquanto manifestação de um interesse em atribuir à Língua do Negro da Costa o prestígio de língua escrita e, mais, ensinada na escola, o que a colocaria no mesmo nível da língua dos brancos, o português.

Em realidade, a transmissão da Língua do Negro da Costa não se dá na escola nem na família, mas entre amigos, numa faixa etária entre 11 e 20 anos (cf. Tabelas 15 e 16), ou seja, quando o indivíduo já domina totalmente a língua materna e começa a intensificar as relações fora do lar, nos bares, nas festas. Com efeito, é nessas situações de lazer, predominantemente, que a Língua do Negro da Costa é utilizada, como se vê na Tabela 17.

---

³ Encontramos *ngombe*, *ongombe* (MACHADO FILHO. *O negro e o garimpo em Minas Gerais*, p.122, 123); *orongoma*, *orongombe* (DORNAS FILHO. *Revista do Arquivo Municipal*, p.148); *ongómbi* (GNERRE et al. *Cafundó: creole(?) death or change?* p.2); *ngombe* (VOGT, GNERRE. *Estudos Linguísticos*, p.13; VOGT et al. *Punto de Vista*, p.30). Em todos esses registros o significado é ‘boi’; apenas no Cafundó (duas últimas variantes) o vocábulo pode significar também ‘cavalo’ e ‘burro’. CANNECATTIM, em *Collecção de observações grammaticaes sobre a língua bunda ou angolense*, também registra para o bundo as formas *ngombe* e *ngómbi* (p.8 e 168) e para o conguês, *ngumbe* (p.168), todas com o significado de ‘boi’.

TABELA 15
Distribuição dos falantes da LNC segundo a pessoa com
quem a aprenderam

FALANTES APRENDIZAGEM	Números absolutos*	%
Com amigos	103	90,4
Com colegas de trabalho	20	17,5
Com parentes	12	10,5

FONTE: Pesquisa de campo - julho de 1981.

* O total de informantes aqui é 114. Esse número não coincide com a soma da primeira coluna da tabela pelo fato de um mesmo falante poder ter sido computado até três vezes, na medida em que tivesse aprendido a Língua do Negro da Costa com amigos, colegas de trabalho e parentes.

TABELA 16
Distribuição dos falantes da LNC segundo a idade com
que a aprenderam

FALANTES IDADE	Números absolutos*	%
0 - 10*	39	34,2
11 - 20	57	50,0
21 - 30	05	4,4
31 - 40	05	4,4
41 - 50	01	0,9
Não informada	07	6,1
<i>Total</i>	114	100,0

FONTE: Pesquisa de campo - julho de 1981.

* Mais exatamente entre 5 e 10.

TABELA 17
Distribuição dos falantes da LNC segundo as situações
de fala em que predominantemente a usam

SITUAÇÃO DE FALA \ FALANTES	Números absolutos*	%
Com amigos	106	93,0
Em bares e festas	81	71,0
Em família	52	45,6
No trabalho	42	36,8

FONTE: Pesquisa de campo - julho de 1981.

* O total de informantes aqui é 114. Esse número não coincide com a soma da primeira coluna da tabela pelo fato de um mesmo falante poder ter sido computado mais de uma vez, na medida em que utilizasse a língua predominante em mais de uma situação.

ASPECTOS GERAIS DA ESTRUTURA MORFO-SINTÁTICA

A análise das gravações mostrou ser a estrutura gramatical da Língua do Negro da Costa integralmente tomada ao português. Evidentemente, trata-se de uma variedade regional do português, que, como já observamos aqui, em muito se confunde com aquela descrita por Amadeu Amaral em *O dialeto caipira*. Embora tenha sido elaborada há mais de 60 anos (a primeira edição é de 1920), e se restrinja ao dialeto da zona rural do Estado de São Paulo, essa descrição é a que nos parece mais adequada para o conhecimento do português que serve de base à Língua do Negro da Costa. A propósito, vale lembrar, com Serafim da Silva Neto, que “a grande maioria dos fatos que caracterizam os nossos falares regionais tem âmbito panbrasileiro”.⁴

Constituída fundamentalmente de léxico “africano” e gramática portuguesa, a Língua do Negro da Costa repete essa estrutura no nível da formação vocabular: os semantemas são quase todos

---

⁴ Cf., por exemplo: CASTRO. *Educação*, p.49-64.

“africanos”, ao passo que os morfemas, tanto os derivacionais quanto os flexionais, são todos portugueses. Evidentemente, uma análise diacrônica identificaria em diversos vocábulos da Língua do Negro da Costa prefixos de origem africana, como, por exemplo, o *ca-* de *camona* ‘criança’, que encontramos registrado por Frei Bernardo M. de Canneccattim,⁵ em sua gramática da língua bunda, como prefixo diminutivo. O exemplo dado por Canneccattim é exatamente *camôna* ‘o filho pequeno’, diminutivo derivado de *monã* ‘filho’. Do ponto de vista sincrônico, entretanto, *camona* é uma unidade mórfica indivisível, à qual se podem acrescentar morfemas portugueses, na formação de novos vocábulos. O diminutivo *camonim* ‘criancinha’, formado com o acréscimo de *-im*, sufixo diminutivo do português popular, exemplifica bem que, na Língua do Negro da Costa, o *ca-* já perdeu seu valor original. O mesmo fato foi registrado por Yeda P. de Castro na língua dos cultos afro-brasileiros, na Bahia: “(...) os nomes bantos, todos compostos de um conjunto prefixal, de um radical e eventualmente de um sufixo, vêm seus limites morfológicos desaparecerem e são reinterpretados como formados unicamente de um radical enlarguecido, indecomponível, como *kà.n.dómb.íd.é* *candomblé*, *candoublezeiro*; *mà.kóm.á* *macumba*, *macumbeiro*.”⁶

Na Língua do Negro da Costa, o processo de formação vocabular mais produtivo, se não exclusivo, é a derivação sufixal. Em nossos registros, ocorreram os seguintes sufixos:

- 1) *-ã*, variante popular do português padrão *-ar*, formador de infinitivos da 1ª conjugação verbal, como em *olbar*, pop. *olbã*, de *olho* -

LNC *marcanjá* ‘fumar’, de *marcanjo* ‘cigarro’;
injirã ‘ir’, ‘andar’, de *injira* ‘caminho’;

- 2) *-do (-a)*, formador de participípios e, eventualmente, de adjetivos, a partir de infinitivos verbais, como no português *olhado*, de *olbar* -

LNC *cassucarado* ‘casado’, de *cassucarã* ‘casar’;

---

⁵Cf. CANNECATTIM. *Collecção de observações grammaticaes sobre a língua bunda ou angolense*, p.166.

⁶CASTRO. Níveis sociolinguísticos da integração de influências africanas no português, p.13.

- 3) *-da*, formador de substantivos que indicam ação, a partir de infinitivos verbais, como no português (*uma*) *olhada*, de *olhar* -⁷
LNC *tipurada* ‘olhada’, de *tipurá* ‘olhar’;
- 4) *-dô*, variante popular do português padrão *-dor*, formador de substantivos que indicam agente, a partir de infinitivos verbais, como no português *cantador*, pop. *cantadô*, de *cantar* -
LNC *curimbadô* ‘trabalhador’, de *curimbá* ‘trabalhar’;
- 5) *-udo (-a)*, formador de adjetivos que indicam abundância, a partir de substantivos, como no português *carnuado*, de *carne* -
LNC *cambereluda* ‘boazuda’, de *camberela* ‘carne’.

Tendo em vista a coerência do sistema derivacional da Língua do Negro da Costa, atribuímos ao sufixo verbal *-á*, como a todos os outros, uma origem portuguesa. Levamos em conta ainda que o sufixo *-ar* (popular *-ã*) marca precisamente a conjugação mais numerosa e produtiva do sistema verbal português. Entretanto, neste caso, a explicação por uma herança africana seria igualmente possível, já que, nas línguas do grupo banto, o morfema de infinitivo da maior parte dos verbos é também *-a*.⁸ Provavelmente, essa coincidência favoreceu a constituição de uma única classe de infinitivos verbais na Língua do Negro da Costa.

Ocorreram ainda, e com maior produtividade, os seguintes sufixos formadores de diminutivos e aumentativos:

1) Diminutivos

- 1.1) *-inho(-a)*, que ocorre depois de consoante, em palavras que, no processo de derivação, perdem a vogal átona final, como no português padrão *menininho*, de *menino* -

LNC *camoninho* ‘criancinha’, de *camona* ‘criança’;
avurinba ‘bonitinho (-a)’, de *avura* ‘bonito’;
cuxipinha ‘bocetinha’ de *cuxipa* ‘boceta’;

- 1.2) *-im*, variante popular do português padrão *-inho (-a)*, que ocorre também depois de consoante, em palavras que, no

---

⁷ Pode-se explicar essa derivação também por mudança de classe, a partir da forma feminina do particípio.

⁸ CASTRO. Níveis sociolinguísticos da integração de influências africanas no português, p.13; LANG. *Ensaio de gramática nyaneke*, p.58.

processo de derivação, perdem a vogal átona final, como no português pop. *meninim*, de *menino* -

LNC *cuetim* ‘menininho’, de *cuete* ‘homem’;

marcanjim ‘cigarrinho’, de *marcanjo* ‘cigarro’;

- 1.3) *-zinbo(-a)*, que ocorre depois de vogal, como no português padrão *cafezinho*, de *café*, e *falazinha*, de *fala* -

LNC *marcanjozinho* ‘cigarrinho’, de *marcanjo* ‘cigarro’;

candomborazinha ‘frango’, de *candombora* ‘galinha’;

ingurazinha ‘dinheirinho’, de *ingura* ‘dinheiro’;

- 1.4) *-zim*, variante popular do português padrão *-zinbo(-a)*, que ocorre depois de vogal, como no português popular *cafezim*, de *café*, e *corgozim*, de *córrego* -

LNC *oranjelim* ‘cabelinho’, de *oranjê* ‘cabelo’;

conjolozim ‘casinha’, de *conjolo* ‘casa’;

ocaizim ‘menina’, de *ocaia* ‘mulher’;

- 1.5) *-inzim*, diminutivo duplo, formado pela associação dos sufixos citados em 1.2 e 1.4, como no português popular *matinzim*, de *mato* -

LNC *aiaquinzim* ‘queijinho’, de *aiaque* ‘queijo’;

- 1.6) *-ico(-a)*, como no português *burrico*, de *burro* -

LNC *cuetitico* ‘menininho’, de *cuete* ‘homem’.

Releva notar que *-im* e *-zim* são os sufixos mais frequentes, ocorrendo indistintamente em vocábulos masculinos e femininos, como se vê nos exemplos citados acima, o *cuetim* ‘o menino’ e *a ocaizim* ‘a menina’.

2) Aumentativos

- 2.1) *-ão*, que ocorre depois de consoante, em palavras que, no processo de derivação, perdem a vogal átona final, como no português *grandão*, de *grande* -

LNC *tibangão* ‘bobão’, de *tibanga* ‘bobo’;

camonão ‘meninão’, de *camona* ‘criança’;

- 2.2) *-aço*, que ocorre depois de consoante, em palavras que, no processo de derivação, perdem a vogal átona final, como no português *copaço*, de *copo* -

LNC *avuraço* ‘grandão’, de *avura* ‘grande’;

2.3) *-zão*, que ocorre depois de vogal tônica, como no português *pezão*, de *pé* -

LNC *tuezão* ‘cabeção’, de *tué* ‘cabeça’.

Não se registrou nenhum caso de derivação prefixal, tampouco de composição vocabular. Além dos derivados sufixais, o que há são perífrases, reunião de dois ou mais vocábulos para constituir uma unidade significativa em geral ausente no léxico. Na Língua do Negro da Costa, língua de vocabulário extremamente reduzido, a perífrase funciona como a mais importante fonte geradora de significantes novos, exigidos a todo momento para a comunicação. Os exemplos são inúmeros, mas, por escaparem à sistematização gramatical, nos limitaremos aqui a registrar o fato, que será tratado no Capítulo V e exhaustivamente exemplificado no Capítulo VII.

Apresentados os fatos mais relevantes da estrutura das palavras “africanas” da Língua do Negro da Costa, passemos a algumas observações relativas ao seu comportamento morfo-sintático. Essas observações se restringirão aos verbos, pronomes e nomes, já que os vocábulos relacionais, na Língua do Negro da Costa, como tudo que diz respeito à sua estrutura gramatical, são tomados ao português — escapando, assim, ao objeto do nosso trabalho.

Diferentemente da língua portuguesa, em que os verbos se agrupam em três conjugações, a Língua do Negro da Costa enquadra todos os seus verbos em apenas uma conjugação, caracterizada pelo morfema *-ã* do infinitivo, como já foi assinalado anteriormente: *tipurã* ‘olhar’, ‘entender’; *injurã* ‘ir’, ‘andar’, ‘correr’; *curimbã* ‘trabalhar’; *catiolã* ‘roubar’ etc. As categorias verbais são as do português regional, repetindo-se nelas a tendência à redução, já observada quanto ao número das conjugações. Assim, verifica-se a falta de certos tempos, como o presente do subjuntivo, que é suprido pelo presente do indicativo, e o futuro do pretérito, que é suprido pelo imperfeito do indicativo.

A flexão verbal de número e pessoa é radicalmente reduzida: em alguns tempos, como o presente do indicativo, há uma primeira pessoa do singular, que se opõe a todas as outras como um bloco; em outros, como o imperfeito do indicativo, as marcas de pessoa e número desapareceram totalmente. As oposições número-pessoais acabam sendo marcadas pelo pronome pessoal sujeito, tomado ao português regional. Exemplifiquemos com a conjugação de um verbo.

Verbo *tipurá* ‘olhar’, ‘ver’, ‘entender’ etc.
Presente do indicativo

Pessoa	Pronome Sujeito	Forma Verbal
1ª s.	eu	tipuro
2ª s.	ocê, cê, o sinhô, a senhora	tipura
3ª s.	ele, ela	
1ª pl.	nóis, a gente	
2ª pl.	ocês, ocs, cês, cs, os sinhô, as senhora	
3ª pl.	es, es, es, es	

Na 1ª pessoa do plural, *tipura* alterna com *tipuramo*, menos freqüente, em que se nota um resquício da flexão portuguesa.

Pretérito Perfeito do Indicativo

Pessoa	Pronome Sujeito	Forma Verbal
1ª s.	eu	tipurei
2ª s.	ocê, cê, o sinhô, a senhora	tipurô
3ª s.	ele, ela	
1ª pl.	nóis, a gente	
2ª pl.	ocês, ocs, cês, cs, os sinhô, as senhora	
3ª pl.	es, es, es, es	

A forma *tipurô* alterna, na 1ª pessoa do plural, com *tipuremo* e *tipuramo*, e na 3ª pessoa do plural, com *tipuraro*, as três últimas menos freqüentes.

Pretérito Imperfeito do Indicativo

Forma única: *tipurava*

Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

Forma única: *tipurasse*

Futuro do Subjuntivo

Forma única: *tipurá*

Imperativo

Forma única: *tipura*

Gerúndio

tipurano

Particípio

tipurado

Infinitivo

tipurá

Esse reduzido quadro flexional se completa com as formas perifrásticas, que expressam noções de tempo e aspecto, segundo o modelo do português regional. Assim temos, por exemplo: *tá tipurano*, *tem tipurado*, *tava tipurano*, *vai tipurá*, *ia tipurá*.

A tendência à redução das oposições número-pessoais na Língua do Negro da Costa já atinge até mesmo a oposição básica entre a 1ª pessoa do singular e as outras, em decorrência de uma forma peculiar de pronome sujeito. Por vezes, nas entrevistas, o falante usa para se referir a si mesmo expressões como *o cuete aqui* (lit. ‘o homem aqui’), *o cuete cafuvira* (lit. ‘o homem preto’) ou simplesmente *o cuete* (lit. ‘o homem’), que levam o verbo para a 3ª pessoa, reduzindo, dessa forma, a flexão verbal ao tempo e deixando as oposições de pessoa e número a cargo do contexto. A pessoa é identificada, então, por um pronome adverbial como *aqui*, *aí*, *ali*, adjunto ao substantivo *cuete* ‘homem’ ou *ocaia* ‘mulher’ ou pela própria situação, nos moldes de construções portuguesas populares como *o degas aqui* ou *o papai aqui*.

Assim, a frase *O cuete cafuvira num caxa ingura*, que literalmente significa ‘O homem preto não tem dinheiro’, pode significar, dita por um negro, ‘Eu não tenho dinheiro’. Para que se efetue a comunicação na Língua do Negro da Costa, é preciso que o interlocutor esteja completamente integrado à situação, ou, para usar uma expressão da língua, *tem que tipurá a cena*. Veja-se, a título de ilustração, a seguinte frase, de uma mulher da Tabatinga, em entrevista: *Ocaia tem só esse (camonim) aqui*, que eu *num sô sucarada não, sabe?* (lit. ‘Mulher tem só essa (criança) aqui, que eu num sô casada não, sabe?’). O uso do *eu* na segunda oração não deixa dúvidas quanto ao uso de *ocaia* na primeira, referindo-se à primeira pessoa do discurso.

Como já se observou para os verbos, a flexão nominal é também bastante simplificada na Língua do Negro da Costa. Os morfemas de gênero e número são os mesmos do português (-a para o feminino e -s para o plural), porém seu uso apresenta algumas peculiaridades.

A flexão de número nunca se marca no substantivo, mas sim no primeiro de seus determinantes (artigo, demonstrativo, possessivo etc.). Assim temos, por exemplo:

Singular	Plural	Tradução
<i>o cambuá</i>	<i>os cambuá</i>	o(s) cachorro(s)
<i>meu cambuá uarrufo</i>	<i>meus cambuá uarrufo</i>	meu(s) cachorro(s) bravo(s)

Quanto ao gênero, marca-se não apenas no primeiro determinante, mas em todos eles, em concordância com o gênero do substantivo:

uma ocaia cassucarada   ‘uma mulher casada’

Os nomes substantivos que designam seres inanimados não possuem gênero fixo, sendo possível ouvir-se de um mesmo falante:

a cumbara catita ou *o cumbara catito*   ‘a cidade pequena’

A concordância é variável, podendo fazer-se:

- 1) com o gênero da palavra portuguesa correspondente, como em *Num caxo ingura nenhun* ‘Num tenho dinheiro nenhum’;
- 2) com a vogal final do vocábulo “africano”, interpretada como marca de gênero, como em *Num caxo ingura nenhuma* ‘Num tenho dinheiro nenhum’.

A distinção de sexo, para os nomes substantivos que designam seres animados, marca-se de dois modos:

- 1) pela heteronímia, em um único caso -
cuete ‘homem’, *ocaia* ‘mulher’;
- 2) pela justaposição das palavras *cuete*, para o sexo masculino, e *ocaia*, para o feminino -
cuete meu tata ‘pai’, *ocaia meu tata* ‘mãe’
monã cuete ‘menino’, *monã ocaia* ‘menina’
gombé cuete ‘boi’, *gombê ocaia* ‘vaca’

Segundo Canne cattim, “é próprio dos nomes abundos serem todos promíscuos ou epícenos (...) e por isso dependerem de outro que signifique (...) o sexo a que pertencem”.⁹ Estudos recentes

---

⁹ CANNECATTIM. *Collecção de observações grammaticaes sobre a língua bunda ou angolense*, p.166.

comprovam que na maioria das línguas negro-africanas, entre elas o quimbundo, a distinção entre masculino e feminino não é utilizada.¹⁰ Entretanto, encontramos também no português esse mesmo procedimento, tanto com a função de distinguir o sexo, por exemplo, em *jacaré macho*, *jacaré fêmea*, quanto com o objetivo de reforçar essa distinção já marcada por outro recurso, como ocorre na linguagem popular em *menino home*, *menina muiê*.

Finalmente, queremos observar que, para além dos fatos registrados até aqui, a Língua do Negro da Costa partilha com o dialeto caipira uma série de outras características, como:

- 1) utilização do pronome reto como objeto direto ou mesmo ausência de objeto explícito;
- 2) uso do verbo *ter* como impessoal;
- 3) extrema redução dos verbos pronominais;
- 4) uso exclusivo do *que* como pronome relativo.

Vale reiterar, enfim, que todos os instrumentos gramaticais na Língua do Negro da Costa são portugueses, não se tendo verificado, no nível das relações sintáticas, nenhum fato que chamasse a atenção, como podendo significar resquício de gramática africana.

ASPECTOS GERAIS DA CONSTITUIÇÃO DO LÉXICO

O léxico da Língua do Negro da Costa é constituído, fundamentalmente, de:

- 1) vocábulos de provável origem africana, que se aproximam de formas já registradas por estudiosos das línguas africanas no Brasil;
- 2) vocábulos formados a partir de palavras “africanas” acrescidas de sufixo português;
- 3) criações lexicais que se podem explicar pela onomatopéia;
- 4) palavras de provável origem portuguesa, que se aproximam de vocábulos dicionarizados;
- 5) palavras portuguesas correntes na região ou mesmo fora dela, no Brasil.

---

¹⁰ Cf. BONVINI. *Faits des Langues*, p.77.

No primeiro caso está talvez a maior parte do vocabulário da Língua do Negro da Costa: *cuete* ‘homem’, *ocaia* ‘mulher’, *imbuete* ‘pau’, *curimba* ‘trabalho’, *conjolo* ‘casa’, *moná* ‘filho’, *cafuwira* ‘preto’ etc. No segundo caso encontramos, por exemplo, *curimbadô* ‘trabalhador’, derivado de *curimba* ‘trabalho’; *cambereluda* ‘boazuda’, de *camberela* ‘carne’; e sobretudo aumentativos e diminutivos, como *timbangão* ‘bobão’, de *timbang* ‘bobo’, e *cuetim* ‘menino’, de *cuete* ‘homem’. No terceiro, registraram-se apenas dois itens: *xapixape* ‘comida’ e *tiproque* ‘sapato’. No quarto caso, encontram-se palavras como *cambóia* ‘trem’, provavelmente uma variante do português lusitano *combóio* ‘trem’; *erpid* ‘pênis’, de uso restrito a contextos de doença venérea (nos demais contextos a palavra usada é *imbuete*), que sugere uma derivação do português *berpes* ‘dermatose contagiosa’; e ainda *isquife* ‘cama’, que pode ser o resultado de uma mudança semântica do português *esquife* ‘caixão’. No quinto caso, estão palavras que complementam o restrito vocabulário “africano” da Língua do Negro da Costa, quando a situação o exige, como, por exemplo, os nomes das cores (à exceção de ‘preto’ e ‘branco’, que contam com denominações “africanas”) e a quase totalidade dos nomes de animais selvagens.

Trataremos, neste capítulo, apenas dos quatro primeiros tipos de vocábulos, ou seja, da parte do léxico que distingue a Língua do Negro da Costa do português falado normalmente pela comunidade em estudo. Sendo esses vocábulos identificados por diversos falantes como africanos, assim serão tratados também aqui neste trabalho, embora grafando-se a palavra sempre entre aspas, já que não chegamos a definir a etimologia dos vocábulos da Língua do Negro da Costa, nem foi esse nosso objetivo.

Passemos agora às observações relativas aos campos semânticos pelos quais se distribuem os vocábulos e perífrases da Língua do Negro da Costa, que nos dão, em última análise, informações preciosas sobre a vida e a visão de mundo de seus falantes.

O campo “Alimentação” vem a ser um dos mais ricos. Nele estão, por exemplo, os vocábulos ou perífrases relativos à flora, que se referem todos a plantas comestíveis: *massarundá* ‘banana’, *tiporê* ‘laranja’, *cajuwira* ‘café’,¹¹ *vianjê* ‘cana’, *assangue* ‘arroz’, *tipoque* ‘feijão’, *pungue* ‘milho’, *matambu* ‘mandioca’, *arumute* ‘abóbora’. Além dos vegetais — frutas, cereais e legumes —, esse campo inclui alimentos de origem animal — como *camberela*

---

¹¹ Observe-se a paronímia com *cafuwira* ‘preto’.

‘carne’, *mavera* ‘leite’, *aiaque* ‘queijo’ entre outros — e também massas como *caviconve* ‘pão’ e *biguibote* ‘macarrão’. Os temperos registrados são apenas dois: *mongo* ‘sal’ e *uíque* ‘açúcar’. Há ainda, no campo “Alimentação”, produtos como *pó de matambu* ‘farinha de mandioca’ (lit. ‘pó de mandioca’) e *pó de pungue* (lit. ‘pó de milho’), que pode significar ‘farinha de milho’ ou ‘fubá’. Como termos genéricos foram registrados *cureio*, *bangerê* e *xapixape* ‘comida’.

A natureza está bem representada na Língua do Negro da Costa, o que certamente se explica pela origem rural dos primeiros falantes. Encontramos, nesse campo semântico, os seguintes vocábulos: *undara* ‘fogo’, *omenba* ‘água’, *imbera* ‘chuva’, *fute* ‘céu’, *sengue* ‘mato’, *imbute* ‘madeira’, *oteque* ‘noite’, *bambi* ‘frio’, *cumba* e *unde* ‘sol’. A lua é representada pelas perífrases *cumba do oteque* (lit. ‘sol da noite’) e *cumba do bambi* (lit. ‘sol do frio’). A terra confunde-se com o trabalho — *curimba* —, o que ainda hoje se justifica, pois é na terra, como lavradores, que trabalha a maior parte dos atuais falantes da Língua do Negro da Costa.¹²

Na fauna predominam os animais domésticos: *cangura* ‘porco’, *cambuá* ‘cachorro’, *mingüê* ‘gato’, *candombora* ‘galinha’, entre outros. Qualquer animal que se preste à montaria é *orongó*. O significante *gombê* designa também vários animais, como o boi, o carneiro ou cabrito. Os animais selvagens que aparecem nas entrevistas, à exceção de cobra — *imbuta* —, são nomeados com perífrases formadas a partir de nomes de animais domésticos, aos quais se junta a expressão *do sengue* ‘do mato’. Veja-se, a propósito, o seguinte trecho de entrevista:

Às veiz nós lá vamo assim, nós vê um rastro, fala assim, ó: — Tem um mingüê por aí. É de conjolo ô é de sengue? Não, é de sengue. Pode ficá com o tuê uarrubo e os típaro arriba porque o negócio aqui num tá brincadera não.

(Às veiz nós lávamo assim, nós vê um rastro, fala assim, ó: — Tem um gato por aí. É gato ô é onça? Não, é onça. Pode prestá atenção e tomá cuidado porque o negócio aqui num tá brincadeira não.)

As relações de parentesco, no vocabulário “africano”, limitam-se ao primeiro grau: *ocaia meu tata* ‘mãe’ (lit. ‘mulher meu genitor’), *cuete meu tata* ‘pai’ (lit. ‘homem meu genitor’), *moná* ‘filho’ e *imbanje*

---

¹² DORNAS FILHO. *Revista do Arquivo Municipal*, p.148-149; MACHADO FILHO. *O negro e o garimpo em Minas Gerais*, p.124.

‘irmão’. Para ‘marido’ e ‘mulher’ são utilizadas, respectivamente, as perífrases *cuete da ocaia* (lit. ‘homem da mulher’) e *ocaia do cuete* (lit. ‘mulher do homem’). Parece não haver vocábulo para ‘nascimento’, mas há para ‘casamento’ — *cassucara* —, para ‘morte’ — *conjema* — e para ‘doença’ *corvera*.

No campo “Vestuário”, a Língua do Negro da Costa possui uma palavra para designar roupa em geral — *urunanga* — e duas para calçado — *tiproque* e *urufaco*. Além dessas e das perífrases que se formam com a primeira para as necessidades de especialização do significado, como, por exemplo, *urunanga catita* ‘calcinha’, registrou-se apenas *cavu* ‘paletó’ e *coreã* ‘chapéu’. Para ‘chapéu’ há ainda a perífrase *tipomo do tué* (lit. ‘chapéu da cabeça’), cujo primeiro elemento *tipomo*, não apareceu isoladamente em nossos registros. Encontramos, no entanto, em João Dornas Filho, as formas *tipungo* e *pungo* e em Aires da Mata Machado, *quipungo*, exatamente como ‘chapéu’.

A julgar pelo vocabulário levantado no campo “Lazer”, as diversões dos falantes da Língua do Negro da Costa concentram-se nos bares, onde eles conversam na língua, tomam *matuaba* ‘cachaça’ ou *grozope* ‘cerveja’ e fumam um *marcanjo* ‘cigarro’. Mas há também a possibilidade de *rastá o longado* ‘dançar’ (lit. ‘arrastar o rebolado’) ao som de um *imbanjeco*, que pode ser ‘qualquer instrumento musical’.

No domínio da religião, tudo é muito simplificado: há Deus e o padre, que se confundem numa só palavra — *granjão*, sendo que o segundo pode também ser designado por *inganga*. E há a igreja — o *conjolo de granjão* (lit. ‘casa de Deus’). Não se registrou nenhum termo “africano” para designar o diabo ou qualquer outra entidade ligada a cultos religiosos, o que com certeza está relacionado à dominação exercida pelos brancos sobre os negros também no âmbito da religião.

Na área dos transportes, há o vocábulo *orum*, de significação genérica — ‘máquina’, ‘carro’ —, que dá origem a diversas perífrases, como *orum avura* ‘caminhão’ (lit. ‘carro grande’), *orum catito* ‘automóvel’ ou ‘bicicleta’ (lit. ‘carro pequeno’), *orum de gombê* ‘carro de boi’ e *orum de orongó* ‘carroça’ (lit. ‘carro de cavalo’). Há ainda vocábulos específicos para transportes coletivos: *cambanjara* ‘ônibus’ e *combóia* ‘trem’.

O corpo humano se representa em suas partes externas; *tué* ‘cabeça’, *tiparo* ‘olho’, *timbuá* ‘mão’, *protiuda* ‘nádegas’ etc.

Para ‘perna’ e ‘pé’ há apenas uma palavra — *tinbame*, que pode ainda significar ‘mão’. Também se confundem ‘cabelo’ e ‘pêlo’ em

orangê. As perífrases, neste campo, baseiam-se nas funções naturais: a boca é ‘buraco de comida’ *jequê de cureio*; o seio é ‘buraco de leite’ *jequê de mavera* ou ‘coisa de guardar leite’ *imbonde de caxá mavera*. Para as partes sexuais não faltam palavras: o órgão sexual feminino se representa apenas por *cuxipa*, mas o masculino, através de metáforas análogas às do português, pode ser *imbuete* (‘pau’), *imbuta* (‘cobra’, ‘lingüiça’), *camargo* (‘saco’) ou ainda, quando doente, *erpido*. Por outro lado, é a partir de *cuxipa* que se formam quase todas as perífrases verbais significando o ato sexual: *tipurá a cuxipa* (lit. ‘possuir a boceta’), *caxá cuxipa* (lit. ‘dar boceta’), *rastá cuxipa* (lit. ‘arrastar boceta’), *baté um cuxipa* (lit. ‘bater uma boceta’), *cavacá o cuxipa* (lit. ‘cavacar a boceta’) e *mexê no cuxipa* (lit. ‘mexer na boceta’). Para ‘ânus’ há os vocábulos *janô* e *inca* e a perífrase *jequê de caxá conema* (lit. ‘buraco de fazer fezes’).

No campo “Trabalho”, apareceram apenas dois nomes de profissão: *viriangó* ‘soldado’ e *ocaia de cuxipa* ‘prostituta’ (lit. ‘mulher de boceta’). Registrou-se, no entanto, a oposição empregador X empregado, em *cavinguero* ‘patrão’ e *cuete do curimba* ‘trabalhador’ (lit. ‘homem do trabalho’). A palavra para ‘trabalho’, *curimba*, também significa ‘terra’, como já foi dito aqui. As ferramentas se designam todas pelo termo genérico *moco*, que também pode significar ‘arma’.

Não ocorreu nas entrevistas uma só palavra relativa à mineração, seja no campo “Trabalho”, seja em “Minerais”.¹³ O fato parece estranho, já que Bom Despacho se liga historicamente a uma vila do ouro, Pitangui, e tem hoje a extração de cristais de rocha como uma de suas atividades econômicas.

O campo definido como “Números, pesos, medidas, moedas e cores” é extremamente pobre. Não há numerais nem unidades de peso ou de medida, mas apenas vocábulos de significação genérica relativos a quantidade, como *avura* ‘grande’, ‘muito’ e *catita* ‘pequeno’, ‘pouco’.

Também não há distinções de moedas, mas apenas o dinheiro — *ingura* ou *misongue*. Enfim, parece-nos especialmente significativo que as cores no vocabulário “africano” da Língua do Negro da Costa se restrinjam a apenas duas: *cafuwira* ‘preto’ e *oli* ‘branco’.¹⁴ Para

---

¹³ Não consideramos entre os minerais o vocábulo *mongo* ‘sal’, por ocorrer sempre relacionado à alimentação.

¹⁴ Sabe-se que o número de cores e a fronteira entre elas sofre grande variação entre as línguas, e que, quando as cores se reduzem a apenas duas, elas são exatamente o preto e o branco.

‘branco’ há ainda as perífrases *tipara de mavera* (lit. ‘cara de leite’) e *cor do omenha* (lit. ‘cor da água’).

No campo das “Qualidades e defeitos”, há poucos vocábulos “africanos”. Registramos: *abife* ‘feio’, *opepa* ‘bonito’, *moná* ‘novo’, *ocora* ‘velho’, *tibanga* ‘bobo’, ‘triste’, *uarrufo* ‘forte’, ‘bravo’, e *insu* ‘azedo’. Mas as qualidades podem ser representadas todas pelo adjetivo *avura*, e os defeitos, por *catito*.

Essa observação nos conduz a uma das características mais marcantes do léxico da Língua do Negro da Costa: a extrema redução dos itens, que se compensa pela extensão do significado.

Em seu conhecido estudo dialetológico, Amadeu Amaral observa que o vocabulário do dialeto caipira é bastante restrito, de acordo com “as exíguas necessidades de expressão dos que o falam”.¹⁵ O que dizer, então, do vocabulário da Língua do Negro da Costa, uma língua usada exclusivamente em situações especiais? Em outros termos, se já é reduzido o número de palavras utilizadas pelos habitantes da Tabatinga e da Cruz do Monte nas suas comunicações cotidianas, em família, no trabalho e entre amigos, quando usam o português regional, muito mais reduzido é, certamente, o vocabulário que utilizam essencialmente nas “conversas de botequim”, quando o instrumento de comunicação é a Língua do Negro da Costa. Para que se tenha uma idéia mais exata da limitação do léxico da Língua do Negro da Costa, basta saber que os vocábulos “africanos”, que constituem sua quase totalidade, no nosso levantamento, somam apenas 176.

Por outro lado, observamos que a Língua do Negro da Costa lança mão de alguns recursos que funcionam como uma espécie de compensação da sua extrema pobreza lexical. Em primeiro lugar, verifica-se o que poderíamos chamar de polissemia generalizada: as palavras adquirem novos significados a todo momento, de acordo com as necessidades de expressão do falante, e é preciso que o interlocutor se mantenha sempre atento aos contextos situacional e verbal para que se estabeleça a comunicação.

Isso se dá com tal freqüência que em alguns casos é impossível definir o rol de significados normalmente atribuídos a determinadas palavras. Como ocorre em português popular, com os nomes *coisa*, *negócio*, *troço*, *trem*, e os verbos *coisar* e *transar*, a Língua do Negro da Costa também apresenta os seus vocábulos *passe-partout*.

---

¹⁵ AMARAL. *O dialeto caipira*, p.55.

É o caso, por exemplo, do verbo *caxá*, que se presta às mais diversas significações, definidas pelo contexto, verbal e situacional. Em uma frase como *Ficô muita cuete sem caxá ingura*, o significado ‘receber’ só se realiza através do objeto direto *ingura* ‘dinheiro’ e das afirmativas que cercam a frase: trata-se de uma conversa sobre a destruição, pela chuva, da lavoura de feijão onde a informante trabalhava, fato que teria deixado o patrão sem dinheiro. Daí, *ficô muita cuete sem caxá ingura* ‘ficô muita mulhé sem recebê’. Assim, o verbo *caxá* se presta à constituição de inúmeras perífrases com significações que se definem sempre pelo nome que o segue: *caxá conema* ‘defecar’ (lit. ‘fazer fezes’), *caxá no isquife* ‘copular’ (lit. ‘fazer na cama’), *caxá cuxipa* ‘copular’ (lit. ‘dar boceta’), *caxá o moco* ‘matar’ (lit. ‘disparar a arma’).

O mesmo ocorre com o substantivo *imbondo*, cujos significados só se definem através do contexto, não apresentando, pelo menos aparentemente, nenhuma relação entre si. Em uma história de casamento, contada durante uma entrevista, *imbondo* ocorreu com o sentido de ‘aliança’: *A ocaia foi tipurá o cassucaro no granjão (...), o camonim tipurô os imbondo* (‘A mulhé foi casá no padre (...), o menino levô as aliança’). Em outra gravação, o falante usou a mesma palavra para se referir à barrigueira que tecia por encomenda: *O cuete vem atraís do imbondo dele e num tá pronto, né?* (‘O cara vem atraís da barrigueira dele e num tá pronta, né?’).

Essa expansão do significado vocabular se dá, como é normal, a partir de associações semânticas, mais precisamente através da metáfora e da metonímia, que possibilitam a constituição de palavras de significação genérica. À falta, por exemplo, de um vocábulo para significar ‘urina’, o falante da Língua do Negro da Costa recorre, por metáfora, à palavra disponível na língua para ‘água’ — *omenba*. Essa mesma palavra é usada também para ‘sangue’, ‘chuva’, enfim, para ‘qualquer líquido’. O processo metonímico possibilita, por exemplo, o uso do mesmo vocábulo — *tinbame* — para nomear os membros contíguos ‘perna’ e ‘pé’.

A perífrase é outro recurso de que se vale constantemente o falante para expressar significados não representados no léxico da Língua do Negro da Costa. Na constituição dessas perífrases entram predominantemente vocábulos nocionais “africanos”, como em *caxá cuxipa* ‘copular’ (lit. ‘dar boceta’), *conjolo dos viriango* ‘cadeia’ (lit. ‘casa dos soldados’), *conjolo de matuaba* ‘bar’ (lit. ‘casa de cachaça’), *mingüê do sengue* ‘onça’ (lit. ‘gato do mato’), *ocaia meu tata* ‘mãe’ (lit. ‘mulher meu genitor’).

Mas há também, em menor escala, perífrases em que se juntam vocábulos nocionais “africanos” e portugueses, como em *cor do omenba* ‘branco’ (lit. ‘cor da água’), *batê no isquife* ‘dormir’ (lit. ‘bater na cama’) ou *conjolo dos pé junto* ‘cemitério’ (lit. ‘casa dos pés juntos’).

A metáfora, a metonímia e a generalização de sentido, processos semânticos que mencionamos há pouco, são muito importantes na formação das perífrases. É a metáfora que permite ao falante, à falta de uma palavra para ‘lua’, por exemplo, recorrer ao vocábulo *cumba* ‘sol’ e construir a perífrase *cumba do oteque* (lit. ‘sol da noite’). É a metonímia que está na base da perífrase *urunanga de gombê* (lit. ‘roupa de boi’), usada para ‘tambor’.¹⁶ A palavra *conjolo*, a partir da generalização de seu significado, de ‘casa’ para ‘lugar’, prestou-se, no nosso *corpus*, à formação de nada menos que 25 perífrases, de que já citamos alguns exemplos nos parágrafos anteriores.

É importante salientar aqui o caráter instável desse tipo de construção. “Conceito vocabular apresentado por meio de uma expressão sintática”, na definição de Mattoso Câmara,¹⁷ a perífrase não possui a estabilidade dos compostos e está sempre sujeita às variações do estilo, ou seja, das escolhas individuais. Assim, para um mesmo significado, ‘lua’, por exemplo, encontramos as perífrases *cumba do oteque* (lit. ‘sol da noite’), *cumba do bambi* (lit. ‘sol do frio’) e *cumba da hora do bambi* (lit. ‘sol da hora do frio’). Essa instabilidade formal, no nosso entender, se insere no contexto geral de extrema variabilidade que caracteriza a Língua do Negro da Costa, como língua exclusivamente oral que é. Por outro lado, pode constituir-se em mais uma estratégia a serviço da ocultação do conteúdo das conversas, na medida em que o falante tem sempre a possibilidade de construir a cada momento uma nova perífrase, com base em novas associações de idéias.

Em contraste com a extrema instabilidade formal e semântica observada no plano da língua, notamos, no plano do discurso, uma forte insistência em alguns temas. “É bom quando é turma assim, né? Fala bobage, a gente alembra. (...) Tem que falá é bobage.”

---

¹⁶ Evidentemente, o significado metonímico ‘tambor’ pressupõe um significado intermediário ‘couro’, que, entretanto, não foi documentado.

¹⁷ CÂMARA JÚNIOR. *Dicionário de lingüística e gramática*, p.191.

Assim se refere Sueli,¹⁸ moradora da Cruz do Monte, ao que parece ser o tema predileto dos falantes da Língua do Negro da Costa: a “bobage”, isto é, o sexo. Reforçando a importância do vocabulário relativo ao corpo humano, em especial aos órgãos e atos sexuais, a insistência na temática sexual é, acreditamos, uma das manifestações do clima de confronto que caracteriza os contextos de uso da Língua do Negro da Costa. Porque, sendo o sexo um tabu para a nossa sociedade, conversar sobre ele constitui uma violação das leis sociais e, portanto, uma agressão aos brancos, que são, afinal, os defensores dessas leis.¹⁹

Entretanto, na medida em que essa agressão se realiza numa língua inacessível aos agredidos, ficam impunes os agressores, como está claro na fala de Vandiquim, marido de Sueli:

Não, ma sabe o que que é, Sueli? É porque nós tano aí com essa turminha ninguém qué que os otro pegue, né?, o que a gente tá conversano na mesa. Então nós conversamo, conversamo, conversamo... e num sai nada, num conversa nada a num sê na gíria.

Em outras palavras, o caráter de código secreto da Língua do Negro da Costa, com que, aliás se casa muito bem a denominação de “gíria”, garante a seus falantes total impunidade. Esse processo vem a ser para eles uma fonte de prazer, o que se evidencia nos risos que, nas entrevistas, acompanham sempre as conversas de ordem sexual.

Mas nem só de sexo e risos se nutre a Língua do Negro da Costa. Ressaltam nas entrevistas pelo menos mais dois temas importantes pela ênfase que recebem e, conseqüentemente, por revelarem muito do universo cultural dos falantes: a sobrevivência e a repressão. O primeiro deles aparece, como é de se esperar, entrelaçado a três subtemas: a alimentação, o trabalho e o dinheiro. É o que se percebe, por exemplo, no seguinte trecho de entrevista, em que um rapaz da Cruz do Monte conversa com uma amiga da Tabatinga sobre a possibilidade de ter filhos:

---

¹⁸ Sueli é filha de Bacará, apontado nas entrevistas como um dos mais antigos falantes da LNC, já referido à página 69.

¹⁹ Em uma das entrevistas gravadas em bar, a entrevistadora foi objeto desse tipo de “agressão sexual”. Os entrevistados se puseram, em determinado momento, a fazer sobre ela comentários de ordem sexual que poderiam ter dificultado o prosseguimento da entrevista, não fosse o fato de eles ignorarem que àquela altura ela já entendia a LNC.

— *Pois é, aí os camonim chega no conjolo do cuete, né?: — É, ocora, eu quero mavera, eu quero mavera, eu quero mavera... Comé que eu vô tipurá? A ingura catita.*

— *Curimba, uai.*

— *Ah, curimba!... Eu tô curimbano já avura, né? Num dá. Curimbá mais que eu curimbo num tem jeito, né, Parecida?*

— *É... Pára de caxá matuaba, uai.*

— *Uai, só se eu fizé os camonim pitá conjema, se eu fizé os camonim pitá conjema aí dá pra mim curiá mais, ocaia.*

(— Pois é, aí os menino chega em casa, né?: — É, pai, eu quero leite, eu quero leite, eu quero leite... Comé que eu vô arrumá? O dinheiro poco.

— *Trabalha, uai.*

— *Ah, Trabalha!... Eu tô trabalhano já demais, né? Num dá. Trabalhá mais que eu trabalho num tem jeito, né, Parecida?*

— *É... Pára de bebê pinga, uai.*

— *Uai, só se eu fizé os menino morrê, se eu fizé os menino morrê aí dá pra mim comê mais, mulhé.)*

Entre os numerosos exemplos da ênfase no tema da sobrevivência, destacamos este trecho de entrevista em que Fiotinha, em conversa com seu irmão Zé Baiano, conta sobre o patrão que deixou de pagar aos trabalhadores:

É, até a ingura dele ontem ficô meia memo reduzida, porque ficô muita cuete sem caxá ingura. É, por isso que eu tô veno esses moná, cuete, cafuvira, ocora, ocaia cassucara é... percisano fazê cureio, num tem jeito de curiá, porque num caxa ingura. Pois é, amanhã num caxa no orumo. Amanhã ninguém injira no conjolo do curima não.

(É, até o dinheiro dele ontem ficô meio memo reduzido, porque ficô muita gente sem recebê. É, por isso que eu tô veno esses menino, home, preto, velho, mulhé casada é... percisano fazê comida, num tem jeito de comê, porque num tem dinheiro. Pois é, amanhã num vai no caminhão. Amanhã ninguém vai no trabalho não.)

Quanto ao outro tema enfatizado nas entrevistas, a repressão, liga-se, invariavelmente, como é comum entre nós, a dois elementos:

a violência e o policial. Veja-se, como exemplo, o trecho abaixo, em que os mesmos Fiotinha e Zé Baiano comentam uma briga num bar de Tabatinga:

— *O otro machucô o cafuwira.*

— *Tava caxano matuaba.*

— *Pois é, viriango tá caxano.*

— *Tirô a omêm, tirô sangue no cuete assim.*

(...)

— *Será que eles vão achá o cuete que caxô o imbuete?*

— *Ah, já tá no sengo uma hora dessas. Ele tá no sengo, Fiota, já foi pro sengo. No sengo muito tempo...*

— *Os viriango vai fazê igual fez com aquele cuete esses dia.*

— *Ali mete o muque em cima e vai: — Injira não, que o muque de undara caxa, mais caxa pra pitá conjema! O tinbame tá só jogano curima pra trais.*

(...)

— *O viriango achô ele?*

— *Achô lá conjolo do cuete ocora.*

— *E aí? Levô ele pro conjolo do viriango?*

— *Levô. Ficô treis dia no conjolo de viriango, e caxano imbuete nele.*

(— *O otro machucô o preto.*

— *Tava bebeno pinga.*

— *Pois é, o soldado tá prendeno.*

— *Tirô sangue, tirô sangue no cara assim.*

(...)

— *Será que eles vão achá o cara que desceu o pau?*

— *Ah, já tá no mato uma hora dessas. Ele já tá no mato, Fiota, já foi pro mato. No mato muito tempo...*

- Os soldado vai fazê igual fez com aquele cara esses dia.
- Ali mete o revolve em cima e vai: — Corre não, que o revolve atira, mais atira pra matá! A perna tá só jogano terra pra trais.
- (...)
- O soldado achô ele?
- Achô lá na casa do pai.
- E aí? Levô ele pra cadeia?
- Levô. Ficô treis dia na cadeia, e desceno o pau nele.)

Contra as armas da polícia, a gente da Tabatinga e da Cruz do Monte parece mesmo só poder contar com a agilidade das próprias pernas. O recurso é, pois, *jogá curima pra trais*, ‘correr’, ‘fugir’. Daí, certamente, a perífrase usada na Língua do Negro da Costa para ‘camburão’: *injira que o cuete avura envém*, decalque da frase portuguesa tão popular entre os nossos marginais: *Corre, que lá vem os home*.²⁰

Resumindo, diríamos que a insistência em certos temas nas conversas (sexo, sobrevivência e repressão) e a concentração de vocábulos em determinados campos semânticos (corpo, natureza, alimentos), bem como a redução extrema em outros campos (vestuário, lazer, parentesco, profissões, religião), são reflexos, no nível do discurso e do léxico, da realidade sócio-cultural dos falantes da Língua do Negro da Costa.

---

²⁰ A utilização de estrutura frasal na constituição de perífrases ou mesmo compostos de valor nominal não é de todo desconhecida do português. Veja-se, por exemplo, *maria-vai-com-as-outras*, de valor substantivo, ou *unidos venceremos*, de valor adjetivo.